



Análises e desafios da contribuição teológica do pentecostalismo no Brasil

Analysis and challenges of the theological contribution of Pentecostalism in Brazil

Jorge Henrique Barro²⁹⁴

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

José Roberto de Oliveira Chagas²⁹⁵

Mestrando no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

Resumo: Este artigo examina a contribuição teológica do pentecostalismo, abordando sua definição e classificação, assim como os mitos de origem que moldam esse movimento. Destaca-se a situação periférica da teologia no contexto pentecostal, evidenciando desafios relacionados ao anti-intelectualismo. A análise revela a complexidade da interação entre o pentecostalismo e a produção teológica, explorando como os mitos de origem influenciam a abordagem teológica. A situação periférica da teologia é discutida em relação às práticas e crenças pentecostais, com ênfase nos desafios do anti-intelectualismo. Este estudo visa compreender as dinâmicas teológicas no pentecostalismo e destaca a necessidade de superar desafios para promover uma contribuição teológica mais sólida e abrangente.

Palavras-chave: Pentecostalismo(s); mito de origem; periferia teológica; anti-intelectualismo, teologia sistemática.

Abstract: This article examines the theological contribution of Pentecostalism, addressing its definition and classification, as well as the origin myths that shape this movement. The peripheral situation of theology in the Pentecostal context is highlighted, revealing challenges related to anti-intellectualism. The analysis unveils the complexity of the interaction between Pentecostalism and theological production, exploring how origin myths influence the theological approach. The peripheral status of theology is discussed in relation to Pentecostal practices and beliefs, with an emphasis on the challenges of anti-intellectualism. This study aims to comprehend the theological dynamics within Pentecostalism and underscores the need to overcome challenges to promote a more robust and comprehensive theological contribution.

Keywords: Pentecostalism(s); origin myth; theological periphery; anti-intellectualism, systematic theology.

²⁹⁴ Doutor em Estudos Interculturais pelo Fuller Theological Seminary, Pasadena, California (EUA). Seu doutorado foi apostilado pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo/RS. É o atual Diretor Executivo Geral da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), onde também é professor de vários cursos, dentre eles no Mestrado Profissional em Teologia. É pastor presbiteriano, escritor e conferencista.

²⁹⁵ Mestrando em Teologia (área Práxis Pastoral Urbana) pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Bacharel em Teologia (FTSA) e Direito (Anhanguera). É pastor pentecostal (Assembleia de Deus/CGADB).

Introdução

O pentecostalismo contemporâneo está contribuindo com o Cristianismo, na área de teológica? A tradição pentecostal tem sido referência na elaboração e socialização de matérias pertinentes à Teologia Sistemática, mas constata-se timidez no âmbito da Teologia Bíblica. Portanto, diante do exposto, surgem perguntas norteadoras sobre o *Pentecostalismo*: O que é? Quando surgiu? Como se espalhou rapidamente pelos continentes em tão pouco tempo? Há contribuição teológica em alguma área? Em qual eixo teológico essencial encontra-se sua maior dificuldade? A pesquisa apresenta dados sobre a grandeza do *Movimento Pentecostal*, analisa definições, possíveis origens, dificuldade no âmbito intelectual e produção teológica no eixo sistemático, além de sinalizar que há indícios de progresso na produção de Teologia Bíblica.

1 Pentecostalismo: definição e classificação

Houve no Brasil, desde a descoberta, abertura à fé. Para Darcy Ribeiro, o povo brasileiro tem etnia multicultural e multirracionalmente formada, resultado da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos²⁹⁶. Um predicado dessa etnia multicultural e multirracial é a religião.

Embora os povos nativos fossem religiosos, o Cristianismo se instalou por intermédio do *catolicismo* com portugueses que buscavam almas e ouro. O *protestantismo* tentou se fixar ainda no Brasil Colonial, mas avançou a partir dos movimentos imigratório e de missões.²⁹⁷ Já o *pentecostalismo clássico* brasileiro, atualmente centenário e bem consolidado²⁹⁸, teve como igrejas pioneiras a Congregação Cristã no Brasil (1910) e a Assembleia de Deus (1911).

O pentecostalismo clássico, mormente a vertente assembleiana, se constitui o recorte majoritário desta reflexão porque, pois, apenas algumas décadas de existência, o movimento passou por transformações de tamanha envergadura, se tornando imperioso pluralizar a terminologia para denotá-lo em sua amplitude: *pentecostalismos*.

O termo 'pentecostal' origina-se de Pentecostes, nome dado a uma festa anual do povo judeu, celebrada cinquenta dias após a Páscoa, também conhecida como a festa das semanas, realizada no fim da sega do trigo, ou dia seis do terceiro mês, Sivân (junho), em comemoração ao recebimento do Decálogo.²⁹⁹

Etimologicamente, *pentecostal* "se refere ao derramamento do Espírito sobre os primeiros discípulos"³⁰⁰ explicam que, em Atos 2, "que aconteceu no dia da festa judaica de Pentecoste".

²⁹⁶ RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 17.

²⁹⁷ MENDONÇA, Antonio G. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

²⁹⁸ OLIVA, A. S.; BENATTE, A. P. (orgs.) *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.

²⁹⁹ SOUZA, A. C. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004. p. 16.

³⁰⁰ GONZÁLEZ, O.; GONZÁLEZ, J. *Cristianismo na América Latina: uma história*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 39.

Para McGrath, além dos elementos supracitados, os acontecimentos são “vistos pelos carismáticos cristãos como o estabelecimento de um padrão de vida cristã”³⁰¹. Stanley Horton o aplicou em sentido mais amplo e denominou *pentecostal o movimento* que iniciou em 1901, enfatizando a restauração do batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em outras línguas e a restauração dos dons do Espírito Santo.³⁰² É neste sentido que o termo pentecostal tem sido utilizado neste trabalho, como referência a esse movimento.

O *Movimento Pentecostal* moderno, como afirma Alderi de Souza Matos, para muitos é considerado o fenômeno mais revolucionário da História do Cristianismo no século 20.³⁰³ David Barret declarou: “em 1900, cerca de 900 mil pessoas consideravam-se pentecostais ou carismáticas. Passados 100 anos, esse número saltou para 523,7 milhões de pessoas”³⁰⁴. Vinson Synan confirma dados similares: “somados, pentecostais e carismáticos chegam a 500 milhões”³⁰⁵.

Os continentes com concentrações expressivas de pentecostais são: (i) América Latina: 141,4 milhões; (ii) Ásia: 134,9 milhões; (iii) África: 126 milhões; (iv) América do Norte: 79,6 milhões; (v) Europa: 37,6 milhões; (vi) Oceania: 4,26 milhões.³⁰⁶

Quando o recorte geográfico das pesquisas se concentra em países, o Brasil fica em evidência. Um relatório elaborado em 2007, sobre 15 países mais pentecostais do mundo, apresentou os números: (i) Brasil: 24 milhões, (ii) Estados Unidos: 5,8 milhões; (iii) Nigéria: 3,9 milhões; (iv) Quênia: 2,9 milhões; (v) Coreia do Sul: 2,5 milhões; (vi) Argentina: 2,1 milhões; (vii) África do Sul: 2 milhões; (viii) Índia: 1,8 milhão.³⁰⁷

Campos e Gutierrez corroboram que o *Movimento Pentecostal* é uma das experiências religiosas mais significativas do século, fato este “reconhecido por católicos, protestantes” e “cientistas sociais”.³⁰⁸

Houve, antes da expansão pentecostal, crescimento gradativo dos evangélicos e declínio dos católicos. Mariano argumenta que os evangélicos, segundo o IBGE, eram 2,6% da população brasileira em 1940; avançaram para 3,4% em 1950, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1991 e 15,4% em 2000, ano em que somava 26.184.941 de pessoas.³⁰⁹ A evolução pentecostal no Brasil foi gradual, mas teve picos: 3,9 milhões em 1980, cerca de 8,8 milhões em 1991 e mais de 17 milhões em 2000.³¹⁰

³⁰¹ McGRATH, A. E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd, 2010. p. 161.

³⁰² HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

³⁰³ MATOS, Alderi de S. *O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006. p. 24.

³⁰⁴ David Barret *apud* ARAÚJO, I. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 552.

³⁰⁵ SYNAN, V. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. p. 15-16.

³⁰⁶ ARAÚJO, 2007.

³⁰⁷ ARAÚJO, 2007.

³⁰⁸ CAMPOS, L. S.; GUTIERREZ, B. (eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 49.

³⁰⁹ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, p. 121-138, 2004. p. 121.

³¹⁰ MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*. Rio Grande do Sul, p. 68-95, 2008. p. 68.

Há nos pentecostalismos algumas grandes denominações, como a Assembleia de Deus. No início eram 20 pessoas; em 1930 possuiu para a 14 mil membros; em 1950 se tornara uma denominação com 120 mil membros. Estima-se que o pentecostalismo representa não menos do que 70% dos 40 milhões de evangélicos no Brasil.³¹¹

Movimento religioso algum surge do nada. Todos, incluindo pentecostais, têm origens, raízes e causas.³¹² A inserção pentecostal contou com alguns fatores: adversidades históricas do catolicismo, limitado trabalho do protestantismo, misticismo das culturas ibero-americanas, problemas econômicos, políticos e sociais.³¹³

Não se descarta a ação divina por trás da expansão pentecostal no Brasil, mas fatores dos contextos socioeconômico, cultural, político e religioso também foram decisivos:

cabe destacar, em especial, a agudização das crises social e econômica, o aumento do desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade, o enfraquecimento da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política e a redemocratização do Brasil, a rápida difusão dos meios de comunicação de massa.³¹⁴

O movimento cresceu, as pesquisas também. Entre as *perspectivas* dos estudos atuais, conforme Alencar, estão: acomodação social, superação da pobreza e machismo, alienação social, formação da cidadania, atuação política e adesismo político, relativização ética, para citar algumas.³¹⁵

Muitos pesquisadores, com a finalidade de ordená-lo dentro do protestantismo evangélico, seguem enquadramentos tipológicos com aproximações e contrastes.³¹⁶ Paul Freston em sua tese em sociologia sobre protestantes e política no Brasil, organizou o pentecostalismo brasileiro em *ondas*³¹⁷, a partir de um corte histórico institucional e da análise da dinâmica do segmento³¹⁸, sendo:

- *Primeira Onda - década de 1910.* As igrejas pioneiras são Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911) – no início, *Missão da Fé Apostólica*.³¹⁹ Os fundadores do pentecostalismo brasileiro (Luigi Francescon, Daniel Berg e Gunnar Vingren) já se conheciam desde Chicago, na igreja de William Durham.³²⁰ A Assembleia de Deus, mesmo

³¹¹ ALENCAR, G. F. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte, 2010.

³¹² CAMPOS; GUTIERREZ, 1996.

³¹³ MATOS, 2006.

³¹⁴ MARIANO, 2004, p. 122.

³¹⁵ Alencar, 2010.

³¹⁶ CAMPOS; GUTIERREZ, 1996.

³¹⁷ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas: Tese de Doutorado IFCH-Unicamp, 1993.

³¹⁸ ARAÚJO, 2007.

³¹⁹ ARAÚJO, 2007.

³²⁰ SOARES, E. *Pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

- fora do eixo Rio-São Paulo, é a que se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência.³²¹
- *Segunda Onda - anos 50 até início de 60.* Segundo Freston, nesse marco temporal, ocorre fragmentação no campo pentecostal, relação com a sociedade se dinamiza e se destacam, dentre os novos grupos, as igrejas Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962); o contexto da pulverização é paulista.³²²
 - *Terceira Onda - a partir dos anos 80.* Aqui houve “atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas”³²³ do pentecostalismo; o contexto é carioca; a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) é sua representante máxima.

Mariano acrescenta que Jesus Hortal, padre e professor da PUC-RJ, adota o termo *gerações* em vez de *ondas*: (i) *histórica*: Congregação Cristã e Assembleia de Deus; (ii) *movimento de cura divina*: começa nos anos 50 e abriga as igrejas Quadrangular, Brasil Para Cristo e Deus é Amor; (iii) *pentecostalismo autônomo*: a igreja de Nova Vida faz a conexão com a nova geração, na qual a Igreja Universal do Reino de Deus se destaca.³²⁴

2 Mitos de origem do Pentecostalismo

Classificar os pentecostalismos, embora indispensável, continua sendo trabalho difícil, intrincado e sujeito a controvérsias. O segmento é uma combinação de diversidade teológica, eclesiológica, institucional, social, estética e política.³²⁵

Paulo Romeiro corrobora que o neopentecostalismo tem raízes históricas no movimento pentecostal norte-americano do início do século XX que enfatizava o batismo com/no Espírito Santo como revestimento de poder subsequente à conversão, falar em línguas estranhas, manifestações sobrenaturais – cura física, profecias e dons de milagres.³²⁶

Por trás do pano de fundo da gênese das igrejas neopentecostais há alguma relação com o pentecostalismo clássico. Porém, na atualidade, é um equívoco tentar conectar fenômenos visivelmente distintos, tais como Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus, como esclarece Cavalcanti:

Um estudo acurado dos tipos ideais, Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus, sob uma ótica sociológica, ou uma ótica teológica, nos levará à conclusão que se trata de duas manifestações religiosas diversas, que não podem – nem devem – ser colocadas sob uma mesma classificação. [...] Equiparar ambos os fenômenos

³²¹ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Rio de Janeiro; Vozes, 1994.

³²² FRESTON, 1994, p. 71.

³²³ FRESTON, 1994, p. 71.

³²⁴ MARIANO, 2008.

³²⁵ MARIANO, 2008.

³²⁶ ROMEIRO, P. *Decepcionados com a graça*: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

não fazem justiça à Igreja Universal e ofende a Assembleia de Deus.³²⁷

Mendonça reitera que o neopentecostalismo perdeu os dois ramos fundamentais do protestantismo e do pentecostalismo clássico; do primeiro, perdeu a *Bíblia*; do segundo, perdeu o *batismo com o Espírito Santo*. Foram inseridos no lugar aspectos mágicos, bênção da água, óleo, flores, chaves, atos de exorcismos, entre outros. Tais elementos atraem *clientes* que buscam soluções mágicas para problemas cotidianos.³²⁸

O pentecostalismo tem seus *mitos de origem*. Passos explica que, para muitos, “como o próprio nome indica, estão nas narrativas de Pentecostes”³²⁹, conforme Atos 2. A igreja, conquanto seja difícil delimitar o marco zero da sua origem, não foi uma inovação nos planos de Deus. Geisler afirma que a igreja, como as demais obras do Criador, “não é uma ideia tardia; Ele ordenou a igreja desde a eternidade”, afinal o que quer que Deus “deseje, Ele desejou, imutavelmente, desde a eternidade” (Ef 1.4; cf. 2 Co 5.17).³³⁰

Tampouco o Pentecostes foi surpresa. Para Dusing, as evidências bíblicas indicam Atos 2 para a inauguração da igreja.³³¹ Os termos “inauguração”, “aparecimento” ou “nascimento” talvez não sejam adequados, mas a importância do Pentecostes é irrefutável. Para French Arrington, a festividade judaica do Pentecostes assume novo significado em Atos 2:

pois é o dia no qual o Espírito prometido desce em poder e torna possível o avanço do evangelho até aos confins da terra. O batismo dos apóstolos com o Espírito Santo no Dia de Pentecostes serve de fundação da missão da Igreja aos gentios. Essa experiência corresponde à unção de Jesus com o Espírito no rio Jordão (Lc 3.21-22).³³²

A tradição pentecostal enaltece o Pentecostes da narrativa lucana. Muitos entendem que a descida do Espírito Santo se constitui o “marco fundante das igrejas pentecostais”³³³. Outros teólogos, porém, rejeitam a teologia da descontinuidade entre as periodizações que envolvem Israel, Jesus e a igreja, como:

Esta investigação da narrativa do Pentecostes leva-nos a rejeitar as interpretações convencionais do Pentecostes, a saber, que o dom do Espírito no dia de Pentecostes significa a instituição ou nascimento da Igreja e a conversão-iniciação complementar dos discípulos na igreja. Essa interpretação é o resultado da ênfase na

³²⁷ CAVALCANTI, R. *Igreja evangélica: identidade, unidade e serviço*. Viçosa: Ultimato, 2013. p. 17-18.

³²⁸ MENDONÇA, Antonio G. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

³²⁹ PASSOS, J. D. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 32-39.

³³⁰ GEISLER, N. *Teologia sistemática: uma introdução à teologia - vol. 2: Pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas*. Rio de Janeiro: CPDA, 2010b. p. 506.

³³¹ DUSING, Michael L. A Igreja do Novo Testamento. In: HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

³³² ARRINGTON, F. L. Atos dos Apóstolos. In: ARRINGTON; STRONSTAD (orgs.). *Comentário bíblico pentecostal*. 4 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 631.

³³³ SOUZA, 2004, p. 17.

descontinuidade entre os períodos de Israel, Jesus e a igreja, ou da atribuição de um significado soteriológico e não carismático ao dom do Espírito.³³⁴

O Pentecostes é um divisor de águas na história da fé cristã. Stronstad corrobora que, apesar da complexidade da estrutura do livro de Atos, é notório que o primeiro foco se concentra nos discípulos enquanto comunidade de profetas ou carismática (At 1.1-6.7).³³⁵ O Espírito Santo, no antigo Israel, foi transferido de Moisés para os 70 anciãos, de Saul para Davi, de Elias para Eliseu. Jesus Cristo, o profeta ungido pelo Espírito de Deus, de igual modo o transfere aos herdeiros e sucessores do ministério profético, formando uma comunidade de profetas batizados no Espírito e modelo paradigmático para todos os crentes. Assim, não é exagero associar o Pentecostes à *apresentação pública* da comunidade carismática.

Matos ressalta que o Cristianismo testemunhou “muitas vezes em suas fileiras a ocorrência de manifestações de entusiasmo religioso”³³⁶. No NT não era incomum a presença de carismas ou dons espirituais, tais como profecias, línguas estranhas, curas e milagres diversos. Tais manifestações oscilaram posteriormente.

Gari McGee corrobora que, no decurso da história do Cristianismo, houve pessoas que buscaram “algo mais” em sua peregrinação espiritual, indagando sobre o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais.³³⁷

Alguns acontecimentos, posteriores à Reforma, alavancaram o *Movimento Pentecostal*. Pesquisadores, de áreas diferentes, corroboram que o pentecostalismo moderno foi influenciado pelos grandes avivamentos anteriores: (i) os Quaker, (ii) os Puritanos, (iii) os Pietistas, (iv) os Morávios, (v) os Wesleianos (vi) o movimento no Bethel Bible College, quando estudantes concluíram que o falar em línguas é a evidência física e inicial do batismo no Espírito Santo³³⁸ e que prosperou no avivamento da *Rua Azusa* nos Estados Unidos.

O “pentecostalismo pode também ser caracterizado como uma forma de cristianismo protestante que bebe nas fontes do pietismo, do metodismo, dos avivamentos e dos movimentos de santidade”³³⁹.

As raízes pentecostais evidentemente retroagem no tempo. Synan reitera que, “em mais de dois mil anos de história cristã, ocorreram muitas renovações, avivamentos e reformas”, sem os quais a igreja fatalmente “poderia ter-se desviado para o caminho da corrupção, do ritualismo sem vida e da completa inépcia”³⁴⁰. Por outro lado, uma forte postura anti-intelectual também caracterizou o pentecostalismo, obstruindo sua produção de conhecimento em núcleos importantes dos estudos teológicos.

³³⁴ STRONSTAD, R. *A teologia carismática de Lucas: trajetória do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 99.

³³⁵ STRONSTAD, 2018.

³³⁶ MATOS, 2006, p. 25.

³³⁷ MCGEE, G. B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley M. (ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 11.

³³⁸ MENZIES, W.; HORTON, S. *Doutrinas bíblicas: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

³³⁹ OLIVA; BENATTE, 2010, p. 39.

³⁴⁰ SYNAN, 2009, p. 30.

A hipótese de que o pentecostalismo clássico deixou alguma parcela de contribuição no âmbito teológico é ofensiva para muitos críticos. A descrença se deve, em parte, porque a fé pentecostal, desde as mais remotas origens, não demonstrou apego à pesquisa teológica. As duas principais representantes do pentecostalismo clássico brasileiro, desde o início, tiveram posturas refratárias em relação à formação teológica. Claiton Pommerening explica:

O apego à teoria de que não era necessário estudar sempre fez parte da maioria dos movimentos pentecostais, bem como em alguns casos, também dos movimentos sensacionalistas que apelavam mais à emotividade, surgidos nos séculos XVIII e XIX, ideia esta geralmente difundida por seus líderes, pois se acreditava que o estudo extinguiria o agir do Espírito. Tais líderes influenciaram o pensamento pentecostal sobre a não importância dos estudos e levaram a um anti-intelectualismo.³⁴¹

Ricardo Bitun, ao analisar a formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus, observa que os pentecostais, avessos à erudição teológica e levados a suspeitar do intelecto, “resistiam até poucos anos atrás ao estudo sistemático da Bíblia”³⁴². Rick Nañez acrescenta que conquanto tenha havido progresso no âmbito da educação (geral e teológica) em tempos recentes, ainda “somos uma subcultura significativa que, na maioria das vezes, produziu um exército, uma massa com aspirações sobrenaturais, ao mesmo tempo em que permitiu que muitos levassem uma vida intelectual superficial”³⁴³.

Não se pode negar que, ao inclinar-se ao anti-intelectualismo pantanoso, o *Movimento Pentecostal* procrastinou avanços significativos em áreas essenciais, nas quais uma mente cristã bem-preparada teria contribuído de maneira mais robusta. Não haverá progresso substancial na área da teologia bíblica pentecostal com posturas refratárias à intelectualidade equilibrada.

Há uma junção de fatores arraigados nas raízes históricas do anti-intelectualismo que se instalou no reduto pentecostal. Algumas possíveis hipóteses são: o dualismo grego, a inserção do liberalismo teológico nas instituições teológicas, o desprezo ou negligência da liderança aos estudos, a disseminação de ideologias positivistas na cultura brasileira, a supremacia da experiência em detrimento da razão, entre outras. Os cristãos pentecostais não se tornaram um cinturão de resistência à intelectualidade e à teologia de um dia para o outro e nem mesmo de maneira consciente, obstinada e premeditada.

A hostilidade de boa parte da liderança assembleiana à educação teológica formal, mormente nas primeiras décadas, procrastinou consideravelmente o progresso do ensino teológico. Uma questão intrigante no caso da Assembleia de Deus no Brasil, quanto ao desinteresse ou hostilidade ao preparo teológico, envolve seus dois principais expoentes: um obteve preparo teológico de qualidade, mas não estimulou a

³⁴¹ POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. 2015. 219 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. p. 66.

³⁴² BITUN, R. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 55-65, 2009. p. 58.

³⁴³ NAÑEZ, R. *Pentecostal de coração e mente*. São Paulo: Vida, 2007. p. 21.

cultura de estudos. Outro era um homem simples, com baixo nível de escolaridade e com uma matriz cultural e teológica notoriamente limitada.

Gunnar Vingren (1879-1933), um dos pioneiros pentecostais clássicos, filho de jardineiro, foi para os Estados Unidos em 1903 e estudou no seminário da Igreja Batista sueca em Chicago. Em suas palavras, foi para Chicago em 1904 “a fim de começar um curso de teologia de quatro anos no seminário teológico dos batistas”, que teria sido concluído em 1909.³⁴⁴ O fato de Vingren ter recebido uma preparação teológica de qualidade não atenuou a resistência à teologia na Assembleia de Deus.

Cogita-se que a liderança se identificou teologicamente mais com Daniel Berg (1884-1963), que teve apenas formação escolar básica na Suécia e, depois, um curso de fundidor nos Estados Unidos. A ele coube o trabalho evangelístico de *ganhar almas*, pessoas simples como ele, muitos futuros líderes e pastores da igreja. É uma das possíveis hipóteses por trás do pouco apreço por estudos. Também se alega que o próprio Vingren, conquanto tenha concluído satisfatoriamente seu curso teológico, não demonstrou muito interesse em proporcionar formação similar a seus obreiros. A postura de Vingren tem explicação: os suecos eram contra:

porque eles acreditavam que não havia necessidade de erudição para o pastorado, visto que eles conheciam uma igreja protestante oficial (...) que era muito erudita, mas que na ótica deles havia traído o evangelho, havia se mesclado com a alta cultura e vendido seu compromisso com o Evangelho.³⁴⁵

Existem muitas outras hipóteses. O fato é que, de acordo com Alencar, o pentecostalismo no Brasil nasceu, cresceu, consolidou-se e tornou-se majoritário, sem educação teológica formal, ora vista como desnecessária, ora vista com suspeição, ora anatemizada.³⁴⁶ Além da postura refratária à educação teológica formal, existe outro fator fundamental a ser analisado: as transformações que aconteceram na cultura brasileira.

É falsa a ideia que a teologia cristã era desconhecida no Brasil quando protestantes e pentecostais nele se estabeleceram. O discurso cristão sobre Deus (teologia), presente no país desde a época do descobrimento, é “um dos elementos de grande importância na formação da sociedade colonial brasileira”³⁴⁷, com desdobramentos profusos.

A influência da teologia cristã, no caso do Brasil, antecede à descoberta e à colonização do país. Foi um *discurso teológico-messiânico* que contribuiu para alavancar os ideais de conquistas e ajudou a formar a sociedade brasileira. Já a partir de meados do século XV:

a Península Ibérica assumiu a hegemonia da expansão comercial através do ciclo de viagens, descobrimentos, conquistas e dominação colonial, atingindo a África, a Ásia e os novos territórios

³⁴⁴ SOARES, 2021, p. 69.

³⁴⁵ FRESTON, 1993, p. 23.

³⁴⁶ ALENCAR, 2010.

³⁴⁷ SOUZA, N. de. O nascimento da fé cristã em terra brasileira: um olhar para o período colonial. In: GRENZER, Matthias; IWASHITA, KUSMA, Pedro (orgs.). *Teologia e cultura: a fé cristã no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 55.

da América. Nessa expansão do imperialismo colonial lusitano, entrelaçavam-se os interesses políticos, econômicos e religiosos. [...] expansão imperialista e conversão cristã caminhavam de mãos dadas.³⁴⁸

Os conquistadores se consideravam homens do exército e soldados da Cruz que levavam a única religião verdadeira aos que derrotavam e aviltavam, salvando os pagãos de um destino pior do que a morte.³⁴⁹ Acreditavam que era o desígnio divino que legitimava seu projeto de conquista, dominação e exploração:

Portugal é compreendido pelos pensadores deste período como a revivescência do reino de Israel. Assim como o povo hebreu foi predestinado por Deus como portador de salvação, os portugueses passam a ser considerados como o povo eleito por Deus para ser sua nova presença salvífica no mundo. Da mesma forma que acontecera com Israel, as vicissitudes políticas e comerciais dos portugueses serão vistas como sendo manifestações da presença e vontade de Deus.³⁵⁰

A cruz era emblema das velas portuguesas e o rei de Portugal era o Grão-Mestre da Ordem de Cristo. A cruz acompanharia os portugueses, com a espada do Rei, na tessitura do império colonial. Dom João III, escrevendo a Mem de Sá, confirma: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa fé católica”³⁵¹.

A teologia cristã, segundo Azzi, assumiu dupla face: (i) *Teologia da Cristandade*, oficial, centrada na ortodoxia e no controle e na exclusão dos indesejáveis; a meta era a apologia aos interesses da Coroa lusitana. Suas marcas fundamentais eram a teologia *do Reino Católico, da Conquista, da Conversão, da Escravidão, da Inquisição e da Guerra*; (ii) *Teologia do Povo* eleito, de inspiração popular, face da sociedade colonial luso-brasileira, aberta à inclusão de grupos sociais com o estigma da marginalização, tais como negros e judeus.³⁵²

O sofrimento, na sociedade colonial, era o caminho a ser trilhado pelo cristão. Para validar o desterro e o sofrimento, foram introduzidos conceitos dos pensamentos neoplatônico (superioridade do espiritual sobre o material) e maniqueísta (distinção e oposição entre o espírito e a matéria). Felicidade, para o fiel, apenas na vida vindoura.³⁵³

Se a teologia cristã teve influência na colonização, o que a levou à posição periférica? Uma das razões foi a difusão de ideologias positivistas em setores importantes da sociedade. O *Positivismo* era hostil à religião.³⁵⁴

³⁴⁸ AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 14.

³⁴⁹ GONZÁLEZ; GONZÁLEZ, 2010.

³⁵⁰ SOUZA, 2012, p. 61.

³⁵¹ HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)*. São Paulo: Brasiliense. 2 ed. São Paulo: 1984. p. 8.

³⁵² AZZI, 2008.

³⁵³ ROMEIRO, 2005.

³⁵⁴ PALMER, M. D. (ed.). *Panorama do pensamento cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

No Brasil, o Positivismo influenciou a política e a educação.³⁵⁵ Por ser nitidamente refratário ao primado da razão, da teologia e da metafísica, interferiu diretamente nos rumos do nosso sistema educacional, motivando alguns legisladores do regime republicano no Brasil, em nome da liberdade religiosa, a optar pelo ensino irreligioso, ateu e laicista.³⁵⁶ Esses fatores influenciaram a mentalidade cristã. A teologia foi relegada à posição periférica. Mendonça justifica que a situação marginal da teologia na cultura brasileira tem suas raízes em circunstâncias externas e internas:

Circunstâncias externas podem ser entendidas como as dificuldades da difusão da cultura no período colonial, desde a proibição da imprensa e da importação de livros, passando pelo impedimento da criação de escolas superiores. As internas residem no peso que o positivismo representou na cultura brasileira durante todo o século 19. [...] A presença de notório anticlericalismo na elite liberal também constitui fator não desprezível para se entender a indiferença para com a teologia.³⁵⁷

A teologia cristã, oficial e popular, contribuiu para formar a sociedade brasileira. Com o tempo, relegada ao ambiente da fé, foi perdendo sua influência na sociedade. No período em que o *pentecostalismo clássico* surgiu, a teologia enquanto área de estudo, estava em situação periférica. Não é sem razão que somente em períodos recentes a teologia recebeu tónus oficial.

3 Contribuição teológica do Movimento Pentecostal

Os episódios envolvendo os sucessivos debates sobre a inserção da teologia no pentecostalismo demonstram o quanto foi difícil ao alto escalão da liderança da Assembleia de Deus, principalmente nas primeiras décadas, aceitar proposições favoráveis ao oferecimento de cursos teológicos no país. Ricardo Bitun destaca que:

Nessa cultura de resistência à academia criada pelos fundadores das Assembleias de Deus no Brasil, cria-se algo parecido a uma 'coleta seletiva' de um segundo evangelho dentro do próprio Evangelho. Ou seja, selecionam-se textos na Bíblia que endossam uma postura anti-intelectualizante, interpretam-se e repetem-se de forma sistemática, até que pareçam formar todo o evangelho. Textos como os do Apóstolo Paulo à Igreja de Coríntios (1Co 1.18-21 e 8.1) são destacados e interpretados como se o apóstolo (...) desprezasse o intelecto, a reflexão e o conhecimento.³⁵⁸

Enquanto a Assembleia de Deus brasileira esteve sob a liderança dos pastores suecos, as propostas no âmbito da educação teológica tiveram avanços pífios. O cinturão de resistência parecia imbatível. O cenário começaria a mudar com a chegada

³⁵⁵ PASSOS, J. D. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

³⁵⁶ JUNQUEIRA, S. R. *Ensino religioso: aspectos legal e curricular*. São Paulo: Paulinas, 2007.

³⁵⁷ MENDONÇA, Antonio G. Apresentação. In: GOMES, A. M. A. (org.). *Teologia: ciência e profissão*. São Paulo: Fonte, 2005. p. 8.

³⁵⁸ BITUN, 2009, p. 58.

dos missionários John P. Kolenda e Lawrence Olson, a fundação posterior de institutos bíblicos e criação de escolas de educação teológica da Assembleia de Deus brasileira.

O pentecostalismo clássico certamente contribuiu teologicamente com Cristianismo. O prolongado enfrentamento à mentalidade anti-intelectualista e à cultura hostil à formação teológica produziu excelentes frutos. Alguns deles floresceram na área da teologia. Pentecostais passaram a produzir e compartilhar suas reflexões teológicas deixando relevante parcela de colaboração ao Cristianismo, principalmente com a *Teologia Sistemática*.³⁵⁹

Embora seja comum associar a contribuição teológica a partir das academias e literaturas, ela “nasce na prática diária, na liturgia, na oralidade, na tradição e nas ênfases de louvor”³⁶⁰. Em tais áreas o pentecostalismo não é estéril. Contudo, é inegável que os cristãos pentecostais ajudaram a alavancar doutrinas, teologias e maneiras de pensar.

Roney Cozzer, ao analisar a contribuição teológica do pentecostalismo, argumenta que o segmento pentecostal se viu na necessidade de produzir suas obras teológicas, em sua maioria Teologia Sistemática, impulsionado pelo seu vertiginoso crescimento no mundo todo, o impacto que causou nas demais denominações e a ênfase missionária.³⁶¹

A contribuição teológica pentecostal tem importantes particularidades. Ainda não está no mesmo patamar das produções teológicas da envergadura de outras que foram decisivas no desenvolvimento do Cristianismo, no entanto, não é insignificante e nem irrelevante, como percebe Siqueira:

É evidente que o pentecostalismo não entra na categoria de uma sistematização escolástica ou, então, como uma teologia de cunho iluminista – e graças a Deus por isso. A contribuição doutrinária e intelectual, embora ainda modesta, é e continua a influenciar metade da cristandade mundial. É humilde e pequena em relação a outras teologias produzidas na patrística, na Idade Média ou na Reforma, mas sua influência percorre a cristandade contemporânea de tal forma que, cabe destacar, outras teologias ficam pequenas eclesiologicamente diante dela.³⁶²

³⁵⁹ A *Teologia Sistemática* consiste em uma “tentativa de construir um corpo consistente e compreensível a partir do conjunto completo da revelação de Deus” (GEISLER, N. *Teologia sistemática: uma introdução à teologia* - vol. 1: Introdução à teologia, a Bíblia, Deus, a Criação. Rio de Janeiro: CPDA, 2010a. p. 12), na “elaboração da cosmovisão cristã baseada na Bíblia” (FERREIRA, F.; MYATT, A. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 23, 24), pois “tenta organizar, sistematizar, a reflexão teológica” (CARSON, 2009, p.125).

³⁶⁰ SIQUEIRA, G. F. *Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 14.

³⁶¹ COZZER, R. Contribuições do movimento pentecostal à teologia. *Via Teológica*, v. 19, p. 205–224, 2019.

³⁶² SIQUEIRA, 2018, p. 14-15.

A produção teológica majoritária do *Movimento Pentecostal* está situada na *Teologia Sistemática*,³⁶³ importante núcleo da *Teologia Disciplinar*.³⁶⁴ O termo *sistemática* é relevante. Segundo Williams, “sistema” indica o caráter entrelaçador e interdependente das doutrinas. A Teologia, em si, é uma explicação ordenada e implica procedimentos sistemáticos.³⁶⁵ O núcleo procura juntar em um todo coerente o que a Bíblia afirma sobre dado tópico.³⁶⁶

Sistemática pode ser (i) “algo organizado com base em interesses educacionais ou explicativos” e preocupa-se com a apresentação de uma visão clara e organizada dos principais temas da fé cristã, alinhada ao padrão do credo apostólico; (ii) “algo organizado com base em pressupostos metodológicos”: ideias filosóficas acerca de como adquirir conhecimento determinam a forma como o material está organizado.³⁶⁷

A Teologia Sistemática não está imune a críticas ferrenhas. Nenhum núcleo está. Algumas celeumas resultam dos fatores: (i) confusão entre *sistema* e *sistema dedutivo*, (ii) o risco que existe de o sistema fechar a porta para investigação posterior, e (iii) o sistema apresentar-se como uma prisão que sufoca a criatividade.³⁶⁸

Paul Tillich corrobora que o desenvolvimento do pensamento metodológico não raro desemboca em sistemas que, depois, tendem a se transformar em prisão e quem os cria precisa ir além para não se aprisionar neles, pois quando um sistema, ainda que seja o teológico, se transforma em uma resposta definitiva e final, se torna pior do que a prisão:

O sistema corre o perigo não só de se transformar em prisão, mas também de se movimentar dentro de si mesmo. Pode se separar da realidade e se transformar em algo, por assim dizer, acima da realidade que pretende descrever. Portanto, meu interesse não se limita aos sistemas enquanto sistemas, mas no poder que têm para expressar a realidade da igreja e da sua vida.³⁶⁹

³⁶³ “Disciplina que tenta arranjar o conteúdo doutrinário das Escrituras de maneira coerente, expressá-lo de modo contemporâneo e relacioná-lo às questões de ordem prática no âmbito cristão” (ERICKSON, 2011, p. 193); “(...) é a tentativa de construir um corpo consistente e compreensível a partir do conjunto completo da revelação de Deus, seja ela a revelação especial (bíblica) ou geral (natural)” (GEISLER, N. *Teologia sistemática: uma introdução à teologia* - vol. 1: Introdução à teologia, a Bíblia, Deus, a Criação. Rio de Janeiro: CPDA, 2010a. p. 11).

³⁶⁴ Zabatiero explica que, de acordo com Farley e James Fowler, foram elencados três paradigmas reguladores da teologia cristã: Paradigma da *Teologia Habitual*, Paradigma da *Teologia Científica* e Paradigma da *Teologia Disciplinar*; Friedrich Schleiermacher (1768–1834), teólogo e filósofo alemão, deixou sua parcela de contribuição ao referido paradigma, pois organizou a Teologia Disciplinar em núcleos centrais; a proposta originária delimitou o sistema teológico em três disciplinas interdependentes: (i) Teologia Filosófica, (ii) Teologia Prática e (iii) Teologia Histórica; os núcleos atuais abrangem: (i) *Teologia Bíblica*, (ii) *Teologia Sistemática*, (iii) *Teologia Histórica*, (iv) *Teologia Prática*; com a oficialização dos cursos teológicos no Brasil há também *Áreas Afins* – inserem-se no núcleo estudos judaicos, estudos gregos (helenistas), História e Cultura da(s) Religião(ões), História da Arte, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Economia etc. ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 19-21.

³⁶⁵ WILLIAMS, J. R. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011. p. 14-16.

³⁶⁶ ERICKSON, M. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

³⁶⁷ MCGRATH, 2010, p. 181-182.

³⁶⁸ ROLDÁN, A. F. *Para que serve a teologia?* 2 ed. Londrina: Descoberta, 2004.

³⁶⁹ TILLICH, P. *História do pensamento cristão*. 4 ed. São Paulo: ASTE, 2007. p. 19.

O sistema teológico tem sua relevância, pois se trata da “expressão final de coerência na aplicação da racionalidade metodológica”. Igualmente, se é verdade que o título *Teologia Sistemática* “tem alguma justificativa, o teólogo sistemático não deve ter medo do sistema. É função da forma sistemática garantir a consistência das afirmações cognitivas em todos os âmbitos do conhecimento metodológico”³⁷⁰.

As áreas cruciais da Teologia Sistemática são: Prolegômenos, Bibliologia, Cristologia, Pneumatologia, Antropologia, Hamartiologia, Soteriologia, Eclesiologia, Escatologia.

A produção teológica pentecostal tem sido satisfatória em sua abrangência, com exceção de *Prolegômenos*, que trata dos fundamentos de iniciação ao estudo teológico, todas as demais doutrinas bíblicas têm sido contempladas com qualidade e quantidade crescentes. A *Pneumatologia* e a *Escatologia* têm proeminência, dentre elas, a *Teologia do Espírito Santo* é a maior contribuição:

A teologia pentecostal não é propriamente um constructo de teorias sem fim; ou seja, ela não pretende construir uma nova cosmovisão sobre e da cristandade. Ela é, na sua modesta contribuição, apenas e tão somente pneumatologia, porém qualificada em método, hermenêutica e teologia. E isso não é pouco, especialmente levando em conta a ignorância sobre a pessoa e obra do Espírito Santo no ser humano como indivíduo e como comunidade constituída a partir da Igreja.³⁷¹

Soa estranho para muitos cristãos contemporâneos afirmar que o Espírito Santo ainda é o *Deus esquecido da Trindade*. A Teologia do Espírito é uma das menos compreendidas pelos cristãos. Bingemer e Feller dizem sobre a *invisibilização do Espírito Santo*:

no Ocidente cristão (Europa Ocidental e Américas), a pessoa do Espírito Santo ficou um tanto esquecido, e mesmo deixado de lado. O cristianismo ocidental configurou-se sempre por uma primazia quase absoluta do Filho, da segunda pessoa da Santíssima Trindade, chegando às raias de um cristomonismo. Por outro lado, a pneumatologia oriental cresceu e desabrochou ricamente, dando a toda a teologia do Oriente cristão (Europa do Leste, Península Balcânica e Oriente Médio) uma configuração trinitária, na qual a pneumatologia e a cristologia harmoniosamente dialogam e se entrelaçam.³⁷²

William observa que muitas pessoas professam algum conhecimento de ou sobre Deus Pai e Jesus Cristo, contudo, curiosamente tais pessoas que expressam muita incerteza acerca da pessoa e obra do Espírito Santo. Elas até ouvem falar do Espírito Santo, todavia, em grande medida, simplesmente “ignoram que ele realmente

³⁷⁰ TILLICH, P. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 72.

³⁷¹ SIQUEIRA, 2018, p. 22.

³⁷² BINGEMER, M. C. I.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. 2 ed. São Paulo: Paulinas; Valência; ESP: Siquem, 2009. p. 95.

exista, que desempenha determinado papel e que possa até mesmo ser experimentado”³⁷³.

González reconhece que não é sem motivo que a doutrina do Espírito Santo seja um dos principais temas de discussão entre os teólogos e líderes de igrejas em várias partes do mundo: “Frequentemente ouvimos dizer que a pneumatologia, ou seja, a doutrina do Espírito, tem sido relegada a uma nota de rodapé no restante da teologia cristã, o que é verdade”³⁷⁴. Se a teologia pentecostal contribuiu para revitalizar a teologia do Espírito, o que é fato, então não se pode negar sua contribuição de altíssima relevância ao Cristianismo global.

Apesar das contribuições teológicas do pentecostalismo no núcleo sistemático, existem outros eixos nos quais a produção é insuficiente. Um deles essenciais é o da *Teologia Bíblica*. A Teologia Sistemática, ao estudar o Espírito Santo, extrai ensinamentos ricos em Lucas-Atos. Contudo, a Teologia Bíblica, além do Espírito Santo, apresenta outros temas essenciais à teologia cristã, inclusive alguns que os próprios pentecostais ignoram ou desconhecem. Lucas-Atos tem muito mais para ensinar do que ser mero texto-prova para crenças e práticas pentecostais.

A lista de teólogos(as) dedicados a investigar escritos lucanos, sobretudo após a ebulição pentecostal, é cada vez mais extensa. Amos Yong, Anthony D. Palma, Craig S. Keener, Douglas Oss, Frank D. Macchia, French L. Arrington, Gordon D. Fee, Roger Stronstad, Robert P. Menzies, William Menzies, Stanley Horton, Donald Gee, J. Rodman Williams, entre outros.

Stronstad, erudito da tradição pentecostal, em suas obras *A teologia carismática de Lucas*, *Teologia lucana sob exame* e *Hermenêutica pentecostal*, demonstra que cristão de confissão pentecostal também contribuiu para a Teologia Bíblica, desde que supere a postura anti-intelectual e a ojeriza à qualificação teológica. A erudição não precisa ser oposta à espiritualidade.

Conclusão

O presente trabalho empenhou-se em corroborar que o *Movimento Pentecostal* clássico, especialmente a vertente capitaneada pela tradição assembleiana, contribuiu teologicamente com o Cristianismo. A produção mais pujante situa-se no núcleo da Teologia Sistemática. Já no núcleo da Teologia Bíblica, quantitativamente, a construção teológica ainda é insuficiente. Há ainda um longo caminho a ser percorrido até que o pentecostalismo clássico consiga se tornar referência nas pesquisas bíblicas. O eixo dos estudos bíblicos foi influenciado pela Reforma Protestante, Iluminismo e Pietismo. Atualmente ocupa lugar de destaque na ciência teológica. Por lidar com aspectos literários, históricos, teológicos e interpretativos dos textos bíblicos se exige de cada teólogo(a) maior nível de preparo. Aqui está um dos limitadores da produção teológica pentecostal, mas este é um assunto a ser abordado em outro trabalho.

Referências

ALENCAR, G. F. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte, 2010.

ARAÚJO, I. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

³⁷³ WILLIAMS, 2011, p. 472.

³⁷⁴ GONZÁLEZ, Justo. *Uma breve história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Hagnos, 2015. p. 245-251.



- ARRINGTON, F. L. Atos dos Apóstolos. In: ARRINGTON; STRONSTAD (orgs.). *Comentário bíblico pentecostal*. 4 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*. Aparecida: Santuário, 2008.
- BINGEMER, M. C. I.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. 2 ed. São Paulo: Paulinas; Valência; ESP: Siquem, 2009.
- BITUN, R. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 55-65, 2009.
- CAMPOS, L. S.; GUTIERREZ, B. (eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- CAVALCANTI, R. *Igreja evangélica: identidade, unidade e serviço*. Viçosa: Ultimato, 2013.
- COZZER, R. Contribuições do movimento pentecostal à teologia. *Via Teológica*, v. 19, p. 205-224, 2019.
- DUSING, Michael L. A Igreja do Novo Testamento. In: HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- ERICKSON, M. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FERREIRA, F.; MYATT, A. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas: Tese de Doutorado IFCH-Unicamp, 1993.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro; Vozes, 1994.
- GEISLER, N. *Teologia sistemática: uma introdução à teologia - vol. 1: Introdução à teologia, a Bíblia, Deus, a Criação*. Rio de Janeiro: CPDA, 2010a.
- GEISLER, N. *Teologia sistemática: uma introdução à teologia - vol. 2: Pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas*. Rio de Janeiro: CPDA, 2010b.
- GONZÁLEZ, Justo. *Uma breve história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Hagnos, 2015.
- GONZÁLEZ, O.; GONZÁLEZ, J. *Cristianismo na América Latina: uma história*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)*. São Paulo: Brasiliense. 2 ed. São Paulo: 1984.
- HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- JUNQUEIRA, S. R. *Ensino religioso: aspectos legal e curricular*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*. Rio Grande do Sul, p. 68-95, 2008.

- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, p. 121-138, 2004.
- MATOS, Alderi de S. *O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006.
- McGEE, G. B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley M. (ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- McGRATH, A. E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd, 2010.
- MENDONÇA, Antonio G. Apresentação. In: GOMES, A. M. A. (org.). *Teologia: ciência e profissão*. São Paulo: Fonte, 2005.
- MENDONÇA, Antonio G. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MENDONÇA, Antonio G. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.
- MENZIES, W.; HORTON, S. *Doutrinas bíblicas: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- NAÑEZ, R. *Pentecostal de coração e mente*. São Paulo: Vida, 2007.
- OLIVA, A. S.; BENATTE, A. P. (orgs.) *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.
- PALMER, M. D. (ed.). *Panorama do pensamento cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- PASSOS, J. D. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PASSOS, J. D. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. 2015. 219 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ROLDÁN, A. F. *Para que serve a teologia?* 2 ed. Londrina: Descoberta, 2004.
- ROMEIRO, P. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- SIQUEIRA, G. F. *Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- SOARES, E. *Pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- SOUZA, A. C. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004.



SOUZA, N. de. O nascimento da fé cristã em terra brasileira: um olhar para o período colonial. In: GRENZER, Matthias; IWASHITA, KUSMA, Pedro (orgs.). *Teologia e cultura: a fé cristã no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2012.

STRONSTAD, R. *A teologia carismática de Lucas: trajetória do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SYNAN, V. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

TILLICH, P. *História do pensamento cristão*. 4 ed. São Paulo: ASTE, 2007.

TILLICH, P. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

WILLIAM, J. R. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011.

ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.